

Escuta em tempos de pandemia: participação em museus a partir da experiência do Museu da Imigração do Estado de São Paulo

Listening in pandemic times: participatory processes in museums on São Paulo State Immigration Museum experience

Escucha en tiempos de pandemia: participación en museos a partir de la experiencia del Museo de la Inmigración del Estado de São Paulo

Recebido em 28-04-2021

Modificado em 23-05-2021

Aceito para publicação em 24-06-2021

 <https://doi.org/10.47456/simbitica.v8i2.36380>

Thiago Haruo Santos 

ORCID: 0000-0002-6627-9492

Antropólogo e pesquisador do Museu da Imigração do Estado de São Paulo. Também é doutorando em Antropologia Social pela Universidade Estadual de Campinas (IFCH-UNICAMP) e pela Universidad Nacional de San Martín (IDAES-UNSAM) na Argentina. E-mail: t.haruo@museudaimigracao.org.br

Guilherme Ramalho 

ORCID: 0000-0002-1575-699X

Comunicador e educador do Museu da Imigração do Estado de São Paulo. Mestrando em Governança Global e Formulação de Políticas Internacionais pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). E-mail: g.ramalho@museudaimigracao.org.br

Resumo

Neste ensaio, discorremos sobre a participação e a escuta em museus em contexto de pandemia a partir do relato do projeto “Mobilidade Humana e Coronavírus” do Museu da Imigração do Estado de São Paulo, iniciativa que visa entender os impactos da pandemia para as mobilidades humanas. Buscamos mostrar essa experiência à luz da literatura que vem se consolidando na museologia e na antropologia sobre o tema da “participação”, argumentando que o Museu da Imigração, desde sua formação em 1993, teve suas próprias formas de promover esse tipo de perspectiva de atuação junto aos públicos. Além disso, na segunda parte do texto, apresentamos resultados parciais do projeto, expondo algumas entrevistas realizadas em 2020. Diante do fato de que ninguém pode ter garantias de como se reconfigurarão as mobilidades na contemporaneidade, abrimos a escuta para pesquisadores e pesquisadoras, assim como para migrantes internacionais. Neste texto, apresentamos uma parte do material gerado no diálogo com migrantes internacionais residentes no Brasil e no mundo.

Palavras-chave: Participação; museu; pandemia; migrantes internacionais.



Esta obra está licenciada sob uma licença Creative Commons – Atribuição Não Comercial 4.0 Internacional: <https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/deed.pt>

Introdução¹

É revelador que em 2021 estejamos a caminho de consolidar uma nova definição de museus². Neste ano, já podemos perceber como a conjuntura pandêmica tem sido importante no desvelar de debates urgentes que questionam a função exercida por essas instituições. Sabemos que a pandemia em si não provocou tais mudanças, mas antes intensificou e adiantou a avaliação do papel social que os museus têm desempenhado na construção de institucionalidades e coleções pensadas para o século XXI. Nesse sentido, revisitamos alguns questionamentos que priorizam as esferas participativas, as construções colaborativas e o museu integrado com sua comunidade. Essas propostas, já defendidas na Carta de Santiago de 1972 e, mais recentemente, no documento da Política Nacional de Museus de 2003, ganharam novos contornos no novo ciclo que se abriu no ano passado, em 2020, com a pandemia de COVID-19 (ICOM BRASIL, 2020).

Se, como aponta Brulon Soares (2020:9), a mesa redonda de Santiago, onde se discutiu justamente o papel social das instituições culturais, foi o ponto da virada política dos museus, é com a incorporação das perspectivas da nova museologia da década de 1980 e do entendimento sobre a metodologia desenvolvida por ecomuseus e museus comunitários que essa dimensão participativa se corporifica. Segundo o autor, colecionar deixa de ser apenas o olhar do pesquisador sobre seu objeto de estudo e passa a ser também a incorporação dos atores da memória como sujeitos protagonistas, cocriadores e responsáveis pela pesquisa de seus acervos. Dessa maneira, não existe museu sem a presença desses atores e de sua comunidade, seja quando utilizam as coleções politicamente em suas intervenções, seja quando usufruem das instituições culturais como espaços públicos de convivência, encontro e debate.

Em abril de 2021, Jhannyna Siñani, migrante boliviana residente em São Paulo e parceira do Museu da Imigração, descreveu a instituição como uma “segunda casa”, espaço que utilizava com frequência para encontros com o grupo do qual fazia parte³. Essa é só uma das múltiplas demonstrações de afeto e vínculo estabelecido com a instituição enquanto lugar

¹ Gostaríamos de agradecer a Mariana Esteves Martins e a Maria Angélica Beghini Morales pela leitura prévia e pelas contribuições a este escrito.

² Desde o ano de 2019, o International Council of Museums (ICOM) tem levantado um debate a nível global em torno dessa discussão. Para conhecer mais sobre este processo, pode-se acessar o *site*: <https://icom.museum/en/resources/standards-guidelines/museum-definition/#:~:text=%E2%80%9CA%20museum%20is%20a%20non,of%20education%2C%20study%20and%20enjoyment>

³ Esta fala aconteceu durante a *live* “A situação das mobilidades humanas na pandemia: Entrevista com Jhannyna Siñani”. Disponível em <https://youtu.be/Bmxch1VI-Ns>. Acesso em: abr. 2021.

de pertencimento. É uma relação construída ao longo dos anos como um lugar de usufruto e expressão do direito de manifestação política e organização social de diversos coletivos migrantes que habitam a cidade de São Paulo.

Fundado em 1993, subordinado à Secretaria de Estado da Cultura (atual Secretaria de Cultura e Economia Criativa), o Museu da Imigração funciona no espaço que outrora era ocupado pela Hospedaria de Imigrantes do Brás, instituição que recebeu, ao longo de seus 91 anos de existência, mais de 2,5 milhões de migrantes internacionais e nacionais. Seu acervo, incluindo objetos, entrevistas de história oral, fotografias e documentos diversos (entre eles, um acervo documental da própria Hospedaria, aos cuidados do Arquivo Público do Estado de São Paulo), compõe um rico material que documenta a trajetória de famílias e indivíduos das mais diversas origens e narrativas que em algum momento tiveram o Brasil, e mais precisamente o Estado de São Paulo, como seu lugar de residência.

Tanto o edifício da antiga Hospedaria, um ícone daquelas presenças migrantes do passado, como esse acervo múltiplo, construído em parte com a contribuição de muitos dos descendentes desses migrantes, deram suporte ao elo que a instituição manteve com algumas comunidades migrantes. Dessa relação com os grupos sociais que compuseram a memória em torno da Hospedaria, poderíamos mencionar, ainda, a realização anual, desde 1996, da “Festa do Imigrante”, programação que surgiu a partir da demanda dessas próprias comunidades e que atualmente é planejada, programada e realizada em conjunto com esses atores. Dos exemplos mencionados, podemos considerar que a participação não é novidade no Museu da Imigração, se o termo “participação” denominar a prática de incluir atores da sociedade no fazer museológico.

Essa prática fica ainda mais evidenciada quando contrastada com a de museus considerados “tradicionais”, que foram criados no século XIX e embebidos pelo positivismo e que cumpriram papéis centrais na legitimação de uma prática científica obcecada por classificar e explicar leis gerais (Schwarcz, 2015). Brulon Soares (2018) lembra que é fundamental, para esse modelo, que haja uma cisão e um estabelecimento de relação hierárquica entre o polo produtor de conhecimento e o que irá recepcioná-lo, o público; entre quem pensa e quem é pensado.

No caso do Museu da Imigração, a sua formação deu-se na década de 1990, momento em que já estavam presentes as críticas a esse paradigma “tradicional” de museu, como chamou Cury (2016). Essa origem, somada ao interesse dos imigrantes e de seus descendentes em participar, abriu outras possibilidades de atuação. Pesquisas realizadas na documentação institucional do período demonstram que o próprio Estado, por meio de reuniões e

comunicações, buscou ativamente a contribuição dos diversos grupos sociais dispostos a representar as comunidades de imigrantes para a construção daquela institucionalidade (Martins, 2020). Assim, verbos caros à chamada “museologia colaborativa”, como “participar, colaborar, compartilhar, analisar, criticar, comentar, opinar, discordar, reivindicar” (Russi; Abreu, 2019:21, estiveram sempre presentes nas práticas e ações da instituição.

Após um período de restauro que durou cerca de quatro anos, a instituição foi reinaugurada em 2014, procurando também expandir seu escopo de atuação dentro da temática migratória que abarca em suas pesquisas. Passou, portanto, a “fomentar em suas ações museológicas o diálogo e reflexão sobre o fenômeno das migrações contemporâneas e direitos humanos” (Almeida, 2020:04). Naquele mesmo período, configurava-se um contexto distinto do que fomentara sua formação inicial na década de 1990, havendo uma acentuada mudança no perfil migratório global, fruto da securitização de fronteiras dos países do assim chamado Norte Global (em específico União Europeia e Estados Unidos). Além disso, houve um aumento significativo das migrações Sul-Sul, com o território brasileiro ocupando uma posição de destaque em sua região (Feldman-Bianco, 2016).

Dada a dificuldade de se utilizarem os mesmos critérios e parâmetros de outros acervos para estabelecer uma coleção sobre a contemporaneidade das migrações, primeiramente foi encontrada, nas pesquisas de história oral, uma forma de aprofundar as temáticas que se destacavam nos contatos estabelecidos pela equipe técnica com esses sujeitos migrantes. As entrevistas foram organizadas a partir de projetos temáticos, que até o momento foram: “Conselheiros Extraordinários Imigrantes nos Conselhos Participativos Municipais (2014 -)”, “Mulheres em movimento: migração e mobilização feminina no Estado de São Paulo” (2015 -), “Histórias de hospedarias” (2017 -) e “Diálogos criativos: as migrações no circuito da cultura e das artes” (2018 -⁴).

Em relação às exposições que focaram as experiências dessas migrações, estas foram “Ser Imigrante: o mesmo e o outro” (2013), “Cartas de Chamada de Atenção (2015)” e “Direitos Migrantes: nenhum a menos” (2016), nas quais foi afirmada mais uma vez a função social da instituição ao se colocarem temas vinculados às migrações contemporâneas. Tanto nos processos de pesquisa e coleta de história oral mencionados como nas exposições, ficou evidenciada a importância do caráter de disputa narrativa colocada. Assim, na década de 2010, em que os museus já eram atravessados fortemente por dinâmicas globais e locais de reivindicação por reconhecimento e de demandas por direitos (Motta, 2019; Lima Filho;

⁴ Para mais informações, consultar o documento institucional “Política de acervo do Museu da Imigração” (Museu da Imigração do Estado de São Paulo, 2018).

Abreu; Athias, 2016), o tema da participação em processos museológicos ganhou novas configurações, sendo a discussão sobre o direito a migrar significativa no caso discutido aqui. Como nos informa Martins (2016:88), mais uma vez,

[e]mbora tal premissa (migrar é um direito) seja um princípio do Museu da Imigração e que, portanto, ações que a discutam e comuniquem devam ser estimuladas, existe uma grande preocupação em relação à abordagem. Isso porque visibilizar tal discussão é uma necessidade democrática e o Museu entende ser esse seu papel, assim como o é não apresentar um discurso dirigido, sem possibilidade de abrir diálogo com posições contrárias. Queremos ser um espaço de proposição de perguntas e de múltiplas vozes e acreditamos que só assim podemos cumprir nossa função social.

Waldman (2018:783), em seu texto “Novos migrantes na antiga Hospedaria do Brás”, também considera que foi na reabertura de 2014 que a instituição se colocou diante do “desafio de garantir a presença de múltiplas vozes e perspectivas”. A autora apresenta também o desafio de construir memórias das migrações contemporâneas, mas em um contexto mais amplo — o desafio de construir memórias dos fenômenos migratórios: “[d]iante de seus limites, especialmente espaciais, como incluir de forma continuada mais vozes e perspectivas que expressem esse patrimônio, que na sua essência — tal qual os movimentos migratórios — é dinâmico?” (Waldman, 2018:786).

A questão da participação se altera quando pensada no contexto das migrações contemporâneas. Num campo muitas vezes controverso, dinâmico e marcado por disputas e desigualdades, o Museu ganha como função renovada sustentar espaços qualificados para fazer emergir as múltiplas vozes que compõem as migrações na atualidade. Ganha cada vez mais importância, então, uma atuação que considere a heterogeneidade das narrativas sobre o fenômeno migratório e que seja capaz de reconhecer que os patrimônios da migração também “fazem parte do dia a dia da vida dos diversos segmentos sociais” (Gonçalves, 2007:154).

Ao enfrentar o fechamento das instituições culturais em março de 2020, por conta da pandemia, deparamo-nos com uma situação que colocava em risco a construção dialógica de participação e colaboração dos últimos anos, uma vez que, em sua essência, nosso contato com os migrantes contemporâneos se dava de maneira presencial. Além disso, a novidade da situação pandêmica claramente trazia o desafio de encontrar o lugar de mediação que o Museu da Imigração deveria ocupar nos novos debates sobre as migrações contemporâneas que se abriam. Assim, a partir da trajetória institucional de trabalhar em parceria com diferentes grupos sociais, lançamo-nos em um trabalho não só de coletar relatos a respeito do momento pandêmico, mas também de buscar, em contribuições de migrantes e pesquisadores,

as chaves fundamentais para compreendermos qual tipo de memória sobre os deslocamentos nasceria desse momento de crise.

A série “Mobilidade Humana e Coronavírus”

A série de publicações “Mobilidade Humana e Coronavírus” foi iniciada pelo *blog* do Centro de Preservação, Pesquisa e Referência (CPPR) do Museu da Imigração no dia 27 de março de 2020, cinco dias após o decreto do governo do Estado de São Paulo determinando a quarentena e o fechamento temporário de equipamentos culturais⁵. Em consonância com o que ocorria em outras instituições, o Museu da Imigração passou a desenvolver rapidamente programações, publicações e atividades virtuais voltadas ao seu público, abordando as várias facetas vinculadas à temática migratória, do passado e do presente.

Dentre essas atividades, algumas se dedicaram às migrações do passado, como a série “Hospedaria em quarentena”, voltada a entender as relações entre a antiga Hospedaria de Imigrantes do Brás e a história da saúde pública em São Paulo. Outras buscaram desenvolver conteúdos que iam para além da situação pandêmica, como a série “Desvendando fotografias”, na qual se propunha explorar as fotografias que compõem o acervo iconográfico do Museu da Imigração. Ainda vale mencionarmos as publicações do “MI indica”, que ofereciam ao público dicas de leituras e filmes a partir de uma seleção feita pela equipe técnica da instituição.

No debate público, surgiam as discussões sobre a quarentena e as possibilidades desigualmente distribuídas de realizá-la ou sobre as suspensões dos voos internacionais e o fechamento de fronteiras que ocorriam naquele primeiro momento, refletindo-se sobre o possível impacto que a mobilidade sofreria com o novo cenário. Diante do que também nos pareceu bastante novo e desconhecido, o Museu adotou uma postura já assumida em projetos anteriores: abrir à escuta, garantir espaços seguros e propor diálogos. A série de publicações “Mobilidade Humana e Coronavírus” se propunha, assim, a iniciar um diálogo sobre os impactos da pandemia do novo coronavírus para as mobilidades humanas na atualidade.

O texto de abertura da série, intitulado “Mobilidade Humana e Coronavírus: Abrindo um diálogo”, apresentou a abordagem adotada para as publicações, que passaram a ser semanais. Naquele texto, justificávamos a escolha pela discussão das mobilidades, que, em vez do debate tradicionalmente desenvolvido na instituição sobre as migrações, parecia

⁵ Disponível em <https://www.saopaulo.sp.gov.br/wp-content/uploads/2020/03/decreto-quarentena.pdf>. Acesso em: 23 junho 2021.

abarcando uma série de mudanças sugeridas nas discussões emergentes sobre a pandemia. Primeiro, interessava a nós entendermos a forma como se reconfiguravam a circulação de pessoas entre fronteiras (sejam elas nacionais, estaduais ou municipais) e todo o aparato jurídico, político e tecnológico que a acompanhava (Glick Schiller; Basch; Szanton, 1992; Feldman-Bianco, 2015; Mezzadra, 2015). Além disso, queríamos compreender como estava sendo afetada a circulação de objetos e mercadorias na sua relação com a mobilidade das pessoas (Sassen, 1998) e observar as mudanças nos regimes de circulação nos espaços urbanos, mais estudados nas pesquisas de mobilidade urbana. Por fim, também buscávamos entender o modo como as desigualdades seriam vivenciadas nesse novo cenário, numa abordagem inspirada nas discussões sobre mobilidade social (Miller, 1960).

As publicações eram compostas, por um lado, de textos inéditos escritos por pesquisadores e pesquisadoras e, por outro, de textos resultantes de entrevistas com migrantes internacionais, residentes no Brasil ou em outros países. Assim, entre abril e final de agosto de 2020, publicamos no *blog* 11 artigos e 10 entrevistas. Com o passar dos meses, conforme avançava a própria situação da pandemia, fomos conhecendo outras iniciativas, acadêmicas ou não, voltadas a problemáticas similares às que nós havíamos proposto para a série. Dessa maneira surgiu, a partir de setembro de 2020, o que denominamos de “Ocupações”, publicações e debates realizados remotamente a partir de parcerias com instituições acadêmicas e da sociedade civil organizada que também se dedicavam à reflexão sobre os efeitos da pandemia para as mobilidades.

A primeira ocupação, “Migrações Internacionais e a pandemia de COVID-19”, trouxe publicações e *lives* geradas em parceria com o Núcleo de Estudos de População “Elza Berquó” (NEPO – IFCH/UNICAMP), que havia publicado um livro sobre o tema. Em seguida, em parceria com o Centro de Direitos Humanos e Cidadania do Imigrante (CDHIC), recebemos a ocupação “Conexão Migrante”, com artigos da revista homônima, que circula há anos entre a população migrante da cidade de São Paulo. Por fim, desde janeiro de 2021, realizamos, em parceria com a Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais (ANPOCS), a ocupação “Boletim Cientistas Sociais e o Coronavírus”, que conta com a contribuição de cientistas sociais, geógrafos, economistas, linguistas e historiadores. Nessa modalidade, a série contou com a publicação de mais 23 artigos⁶.

Paralelamente, enquanto instituição museológica, interessava-nos também por explorar outras linguagens para além do texto escrito. Sob o desafio de aproximar as discussões

⁶ No momento de escrita deste texto, está prevista uma nova ocupação que receberá contribuições do projeto “(I) Mobilidade nas Américas e Covid-19”.

trazidas por pesquisadores e pesquisadoras e os conhecimentos dos migrantes a um público cada vez mais amplo, colocamo-nos a tarefa de organizar uma apresentação mensal das publicações e um debate entre nós das temáticas envolvidas em um programa de *podcast*, denominado também “Mobilidade Humana e Coronavírus⁷”. O *podcast* serviu para moldar ainda mais o caráter de divulgação científica que o projeto assumiu e segue sendo produzido, contando atualmente com nove episódios.

Com a abertura parcial do Museu e a retomada das atividades presenciais em agosto de 2020, o projeto foi ganhando cada vez mais um caráter de divulgação científica — fato corroborado pelo tipo de produção que resultava do *podcast* e da realização das “Ocupações” por meio das parcerias. Nesse segundo momento da série, as entrevistas, inicialmente desenvolvidas pela equipe técnica do Museu, foram paralisadas. Respondendo aos interesses relacionados às mobilidades, como mencionamos mais acima, nosso material buscava apresentar como migrantes internacionais estavam elaborando a nova situação pandêmica, de forma quase simultânea ao que era vivenciado por outros observadores especializados, convidados(as) a contribuir com seus artigos. O material apresentado neste ensaio, portanto, responde à produção desse primeiro período da pandemia no Brasil e da série, que foi de abril a agosto de 2020.

Considerando, com Clifford (2016:5), que museus podem ser como “zonas de contato”, ou seja, “uma relação atual, política e moral concreta — um conjunto de trocas carregadas de poder, com pressões e concessões de lado a lado”, buscávamos, com essas entrevistas, não ignorar o caráter em aberto colocado pela pandemia: ninguém poderia ter garantias de como se configurariam as mobilidades na contemporaneidade. Portanto, além de incentivar e divulgar as primeiras reflexões produzidas pelos e pelas cientistas em diversos campos das humanidades sobre o que ocorria, parecia-nos fundamental insistir na importância de “trazer as preocupações do cotidiano das pessoas para os museus” (Athias; Lima Filho, 2016:80). Se, como vimos anteriormente, a “participação” é uma prática levada adiante há tempos no Museu da Imigração, esse projeto de pesquisa e de divulgação sobre a pandemia, fruto do contexto de crise, possibilitou um novo experimento dentro dessa perspectiva. Assim como já vínhamos aprendendo com as demais atividades desenvolvidas no Museu, consideramos importante fugir de construções coloniais de conhecimento calcados em um “outro” (Brulon Soares, 2018), colocando em evidência no debate as preocupações trazidas

⁷ O podcast está disponibilizado no Spotify: <https://open.spotify.com/show/2GxEsvtru4cTFUhbBNygvf?si=5F5abf6BQCi3IICFLdDySg> e no canal do YouTube do museu: <https://www.youtube.com/channel/UCGdabnlEFp1CLK4jRttUksw>

pelos entrevistados e deslocando o diálogo da “experiência migratória” em si para a “pandemia”.

Para responder a essa intencionalidade, as entrevistas se inspiraram na proposta de “entrevista antropológica” colocada por Guber (2004). Realizadas de maneira remota, a partir de um questionário semiestruturado, elas buscavam produzir um conhecimento que não se baseasse nos pressupostos assumidos pelos entrevistados(as) sobre o que era mobilidade na sua relação com a pandemia, abrindo-se espaço para, então, fazer circular a reflexão desenvolvida pelo(a) entrevistado(a).

O formato adotado na redação também respondeu a esse intuito de tentar seguir as preocupações percebidas durante as entrevistas. Reduzindo ao mínimo excertos analíticos, em que nós, entrevistadores(as), articulávamos determinadas falas dos(as) entrevistado(as) a questões preestabelecidas, a redação final buscava, na medida do possível, apresentar transcrições diretamente tomadas das gravações das entrevistas. Para a série, interessava criar apoios textuais que ajudassem o(a) leitor(a) a captar as preocupações levantadas pelos(as) entrevistados(as) naquele momento.

Por esse motivo, entre as 11 entrevistas publicadas no *blog* do Museu, encontramos materiais bastante díspares entre si, chegando, em algumas ocasiões, a ser apresentado o tema da pandemia de forma secundária diante das preocupações específicas daquele momento. Em um dos relatos, por exemplo, a situação anteriormente vivenciada no cárcere por uma entrevistada se mostrou muito mais violadora de direitos quando comparada às dinâmicas impostas pela pandemia, sendo sua principal preocupação a denúncia dessas situações⁸. Em outro caso, ganhou relevância na conversa as diferentes maneiras como as populações reagiram à pandemia no país de origem e no país de destino, gerando reflexões sobre desigualdades sociais e educacionais⁹. Como é uma série voltada à abertura de uma conversa mais ampla sobre a pandemia, tal pluralidade nos interessava para apresentar ao público reflexões geradas a partir de experiências de deslocamento bastante particulares, que assumiriam caráter bastante diverso quando vistos na sua totalidade.

Em algumas entrevistas, porém, a pandemia assumia uma centralidade mais evidente. Seja por conta do momento específico dentro do cotidiano no qual a entrevista foi realizada,

⁸ Ver: Freitas, H. Mobilidade Humana e Coronavírus: ‘A gente já pagou pelo nosso crime. Então, dá-nos condições de vida ali fora para não cometermos o mesmo crime, entendeu?’. Disponível em <http://museudaimigracao.org.br/en/blog/migracoes-em-debate/mobilidade-humana-e-coronavirus-a-gente-ja-pagou-pelo-nosso-crime-entao-da-nos-condicoes-de-vida-ali-fora-para-nao-cometermos-o-mesmo-crime-entendeu>. Acesso em: 15 maio 2021.

⁹ Ver: Imigração, Museu da Mobilidade Humana e Coronavírus: “Eu sempre me sinto acampando aqui”. Disponível em <http://museudaimigracao.org.br/blog/migracoes-em-debate/mobilidade-humana-e-coronavirus-eu-sempre-me-sinto-acampando-aqui>. Acesso em: 15 maio 2021.

seja pela intensa modificação, trazida pelo cenário pandêmico, no âmbito do trabalho ou do associativismo, para alguns entrevistados, as modificações trazidas pela pandemia pareciam gerar questões de maior urgência. É justamente as quatro entrevistas que expressam maior preocupação com as consequências da pandemia que trazemos aqui. Essa seleção se dá a partir de uma compreensão bastante provisória do material produzido, em que identificamos, nesse primeiro recorte, um diálogo mais direto com as noções de mobilidade anteriormente apresentadas. Conforme argumentamos até aqui, de maneira alguma o restante das entrevistas, que aponta para outras preocupações, pode ser considerado desviante, como se elas não tratassem da nossa problemática atual, qual seja: o impacto da pandemia para as mobilidades humanas. Apesar disso, pareceu-nos mais prudente, neste momento, apresentar essas preocupações sobre as mobilidades que apareceram de maneira mais nítida e reconhecível para nós mesmos.

Nos relatos, a pandemia e as políticas de contenção que a acompanharam se articularam a questões vinculadas ao trabalho, à economia e à vida familiar, ou mesmo ao acesso a serviços de saúde. São excertos dessas entrevistas que apresentamos a seguir: quatro relatos de mulheres migrantes internacionais, sendo três delas residentes no Brasil e uma em Nova York. O fato de todas as entrevistas aqui expostas serem de mulheres migrantes reflete tanto uma postura ativa da equipe para buscar mulheres para entrevistar como a importante atuação que muitas delas exercem como pessoas de referência em suas comunidades.

101

“O espaço que eu deixei” – Entrevista com Patrícia¹⁰

A primeira entrevista para a série foi realizada com Patrícia¹¹, mulher peruana que mora no Brasil desde 2007, quando decidiu ir para Fortaleza a fim de realizar um trabalho voluntário. Ela relata que se encantou com a cidade e decidiu ficar por um tempo além dos planos iniciais, morando, ao longo dos anos, em diferentes cidades do Brasil: Fortaleza, São Paulo, São Luís e finalmente Salvador, onde vive atualmente com sua bebê e seu marido.

A situação da pandemia explodiu na América do Sul, e na vida de Patrícia e de sua filha, no contexto de outro deslocamento. Naquele momento, mãe e filha estavam no meio de uma viagem “breve”, de três meses para a sua terra natal. A busca por documentação fazia

¹⁰ A entrevista com Patrícia e a redação do texto resultante foi realizada por Núria Margarit Carbassa, integrante da equipe técnica do Museu da Imigração naquele momento e também criadora da série “Mobilidade Humana e Coronavírus”.

¹¹ Os nomes utilizados aqui surgiram de uma pergunta diretamente feita nas entrevistas sobre qual nome as entrevistadas gostariam que constasse nas publicações no Museu da Imigração.

com que ela se movesse entre países, já que seus documentos pessoais do Peru tinham expirado, e era hora de renová-los.

Eu voltei para o Peru para fazer uns documentos. Eu cheguei no Peru e fiquei quatro ou cinco dias de boa, consegui fazer uma parte dos meus documentos. Mas cinco dias depois que eu cheguei aconteceu isso tudo da pandemia, e saiu o presidente para falar que íamos entrar em quarentena. Que era uma quarentena obrigatória, um isolamento obrigatório, e que ia ter também toque de recolher.

No dia 15 de março de 2020, o governo peruano de Martín Vizcarra decretou estado de emergência, seguido de uma quarentena obrigatória. O fechamento de todas as fronteiras terrestres, marítimas e aéreas ocorreria no dia 17 de março, somente sete dias após a chegada de Patrícia ao país. No momento da conversa, nossa entrevistada manifestou preocupação em relação ao militarismo que a pandemia pareceu ter acionado. Como ela disse, “há muitos militares nas ruas”. Por outro lado, a movimentação nas ruas do país era cada vez mais reduzida, e em Arequipa, cidade onde ela nasceu, não seria diferente.

Uma semana depois que eu cheguei estava tudo muito, muito parado. Eu não consegui mais ver uma parte da minha família, das minhas irmãs, as minhas sobrinhas. Agora estou em casa com minha mãe, com minha avó, com uma tia e com minha filha.

102

Depois de tantos anos fora país, transitando por diferentes locais, Patrícia encontrava sua cidade de origem reconfigurada. Em meio à abrupta mudança, ela nos contou, houve uma readaptação à vida cotidiana na sua cidade natal, atravessada justamente pela situação pandêmica.

Eu cheguei e ainda estou me acostumando à minha mãe, ao espaço que eu deixei, à minha avó, à minha família, tudo. Mas ao mesmo tempo, eu não consigo aproveitar a cidade, então eu estou aqui em casa, presa. Não consigo também ver a outra parte da minha família, que eu queria muito ver, que são minhas irmãs, minhas sobrinhas. E eu não consigo também sair com minha filha, né. Eu queria muito levar a minha filha para passear na minha cidade, mostrar as coisas... e eu não consigo. Não sei como fazer, porque eu tenho que fazer muitos documentos...

Com os planos radicalmente interrompidos, a documentação, motivo inicial da viagem, se tornava agora um ponto de preocupação e incerteza. Naquele momento, sua filha, nascida no Brasil, não tinha a nacionalidade peruana, o que gerava novas preocupações em relação à permanência regular naquele país.

Tenho muita incerteza. Estou um pouco preocupada, porque eu não sei [como fazer com]¹² a questão da minha filha, porque ela tem o documento do Brasil e ela consegue ficar [regularmente] em outro país no máximo três meses. [Minha filha] só

¹² Nas transcrições, os fragmentos dentro dos colchetes indicam trechos que acrescentamos para facilitar a compreensão da fala das entrevistadas.

tem nacionalidade brasileira. Eu não vou conseguir voltar com ela para o Brasil porque os documentos que tenho para ela são para outra data. Então, eu tenho um problema com isso, com o visto dela; e tenho um problema com os documentos para sair com um bebê do Peru. Tenho que pensar como eu vou fazer isso, como resolver isso.

Dinâmicas já angustiantes de controle migratório por documentação ganharam outro contorno no caso de Patrícia, sendo amplificadas pela situação pandêmica.

Apesar disso, nem tudo foi modificado naquela quarentena. Embora nossa entrevistada tenha nos contado que, em Salvador, cidade em que residia naquele momento, a maternidade era conjugada, na medida do possível, com idas a praias, shows e outros espaços, Patrícia percebeu que o ritmo do seu cotidiano em Arequipa estava sendo muito parecido com o que já vivenciava. A diferença, porém, era poder contar com o que não havia para ela em Salvador: a força do apoio de outras mulheres e de sua rede familiar.

Eu tenho sorte, porque eu tinha uma rotina bem parada por conta da maternidade. Ou seja, acordar, cuidar da minha filha, fazer o café da manhã, fazer comida. Eu já tinha uma rotina bem, sei lá, bem fixa, de mãe. Eu sinto que eu tenho mais sorte de passar isso do coronavírus aqui na minha cidade do que ficar sozinha lá em Salvador, sabe. Lá não tenho família, lá só tenho o meu companheiro. E aqui eu tenho mais ajuda, mais presença de mulheres. Tem mulheres da minha família que me ajudam, que me ajudam a criar a minha filha: minha mãe, minha vó, minha tia. Então é muito melhor ficar aqui do que estar lá.

Com essa entrevista, entendemos como os efeitos das dinâmicas estatais de controle puderam ser intensificados na situação pandêmica ao se vincularem aos mandatos colocados às mulheres (Guizardi; López; Nazal; Valdebenito, 2017) nos processos migratórios, principalmente no que se refere ao cuidado e à manutenção de suas famílias. A angústia e a preocupação manifestadas por Patrícia surgiram principalmente da responsabilidade assumida por ela enquanto mãe frente a essas dinâmicas, das quais não tinha controle algum. Por outro lado, a tranquilidade expressa pela entrevistada sobre sua estadia na casa da família indica como a situação de inesperada imobilidade ofereceu-lhe uma oportunidade para acessar redes de apoio (Assis, 2007) não disponíveis no Brasil.

“Senti que o mundo parou, mas as contas não. Até agora não para” – Entrevista com Jhannyna Siñani

Em de maio de 2020, entrevistamos Jhannyna, nascida em La Paz, Bolívia, e residente em São Paulo desde 2010. Na entrevista, ela nos contou como a sua primeira empregadora em São Paulo, quando trabalhou em uma oficina de costura, se aproveitou da situação de

vulnerabilidade em que ela se encontrava. Relatou também como encontrou um modo de acionar seus contatos e desvencilhar-se desse abuso imposto para, finalmente, constituir sua própria oficina, que é seu orgulho junto com a formação escolar que conseguiu garantir a seus filhos.

A pandemia chegou justamente no momento em que ela havia conseguido montar a sua própria oficina. A frase que dá título a essa entrevista – “Senti que o mundo parou, mas as contas não. Até agora não para” – sintetiza a sensação de desajuste expressa pela nossa entrevistada: embora, por um lado, a pandemia parecesse travar todo o seu arredor, paralisando também a sua oficina, que era vista como uma conquista, as contas não pararam de chegar e foram se acumulando sem cessar.

Ficamos mais de um mês parados, sem conseguir sair, sem conseguir fazer nada. Foi muito triste. Senti que o mundo parou, mas as contas não. Até agora não para. E também foi um tanto assustador, porque não sabemos o que ia acontecer. Agora, pelo menos, sabemos que a pandemia é ruim. E, aos poucos, nós conseguimos tentar segurar as esperanças, nos reunir em duas, três ou até cinco oficinas para falar, para conversar. Temos muitas ideias juntos, tentar ajudar aqueles que não conseguem uma solução ou que estão passando pior. Foi ruim, mas foi bom para nos abrir os olhos e tirar aquilo que estava dormindo, aquela garra para continuar lutando.

104

A Rede de Empreendedores Imigrantes Sempre Adelante é resultado de um ano de trabalho de pessoas como Jhannyna que se reuniram semanalmente no Museu da Imigração, em atividades de formação para empreendedores oferecidas por organizações não governamentais (ONGs) locais¹³. Terminados esses encontros, que tratavam de assuntos como direitos trabalhistas, segurança no trabalho e contabilidade básica, alguns participantes decidiram continuar por conta própria as reuniões, buscando aprofundar ainda mais a formação para os empreendedores e trabalhando na organização da categoria. Quando iniciou a situação pandêmica, a rede seria logo acionada para passar a produzir máscaras como alternativa à paralisação do setor têxtil.

Eu queria fazer e vi que liberaram fazer de pano. Então, poderíamos fazer entre nós. Porque eles [os compradores varejistas] estavam querendo comprar a um real com material e tudo. Não dá, não tem ganho. Então, nós queríamos fazer alguma coisa tipo parceria e aí [um dos membros da rede] falou “eu tenho um conhecido, um doutor no hospital, então, podemos levar, tentar fazer aquele de TNT”. Então, todo mundo pensou [que era o] melhor para produzir e vender. E assim não depender [de] mais de ninguém. E foi assim que decidimos, tomamos essa oportunidade.

¹³ Essas oficinas foram realizadas a partir de uma parceria entre a ONG Aliança Empreendedora e a ONG Presença de América Latina.

Diante da possibilidade de um pedido em grande escala e com as contas das casas consumindo o pouco que poderiam ter para investir, decidiram em grupo lançar mão de um empréstimo. Quando a produção já estava em fase avançada, souberam de uma má notícia.

Quando estávamos produzindo, já soubemos que não deu, porque outras pessoas se adiantaram, já fizeram, e até de menor valor. Ficamos parados com nossas máscaras. Eu estou tentando vender porque nossa meta era vender aquilo, e como não tínhamos dinheiro para pagar as oficinas, [tínhamos que] fazer nós mesmos e [ir] vendendo. Fazer mais e, dessa vez, dar a outras oficinas que estão sem trabalho. E assim, pouco a pouco ir dando trabalho e também conseguindo pagar [receber] o justo.

Na parte da manhã do mesmo dia de nossa entrevista, Jhannyna havia ido até a entrada do metrô para oferecer pessoalmente as máscaras, vendidas também pela *internet*.

A única coisa que eu quero é isso, vender. E devolver o dinheiro emprestado que temos investido ali. Agora somos pelo menos duas [pessoas] que, com certeza, vamos continuar essa luta. Pra continuar fazendo uma e outra coisa para alcançar os outros. Para tentar ajudar os outros também.

Na entrevista, Jhannyna tratou do trabalho nas oficinas de costura, o qual é bastante discutido na literatura local sobre migrações (Silva, 2006; Freitas, 2010, 2013). A pandemia, assim, surge como uma ameaça ao que ela considerava uma conquista: a constituição da sua própria oficina. Diante do impasse sanitário e econômico, podemos ver como as relações estabelecidas com outros migrantes e atores sociais (ONGs) são acionadas rapidamente. Mesmo que, no momento seguinte, as expectativas sobre a ação conjunta fossem frustradas, a entrevistada reafirmou sua disposição para uma ação coletiva, apontando para uma noção de futuro.

“Unir a mulherada porque só a gente sabe a importância de ter uma rede de apoio no exterior” – Entrevista com Luciana Kornalewski

A produtora cultural e ativista Luciana Kornalewski vive nos Estados Unidos há 20 anos. Tendo o Rio de Janeiro como cidade de origem, Luciana passou por Charlotte, do Estado da Carolina do Norte, e por Newark, do Estado de Nova Jersey, até chegar a Nova York, onde mora atualmente e exerce importante papel de referente social da comunidade brasileira.

Na entrevista realizada conosco em junho de 2020, além de contar suas descobertas sobre a sociedade norte-americana, Luciana nos ofereceu um relato preciso e detalhado da

condição de trabalhadores e trabalhadoras que, como ela diz, “foram tentar a vida” por lá. Ela abordou a situação de emigrantes brasileiros e de migrantes de outros países latino-americanos que, antes da pandemia, já se encontravam em condições precárias, no que se refere ao acesso a trabalho, à saúde e à assistência social. A pandemia do coronavírus, nesse sentido, veio para fechar ainda mais o cerco em suas próprias vidas.

Essas pessoas não são nem número. Eles estimam que sejam 13 milhões. Essas pessoas vivem à margem da sociedade. Então, como agora estão fazendo para viver e para pagar aluguel? Na sua grande maioria são trabalhos no terceiro setor, no subemprego. Perderam seus trabalhos. E como é que estão vivendo?

A maioria trabalha em restaurante porque aqui dá para fazer uma grana legal, você consegue viver dignamente trabalhando nesse setor. Aqui, você trabalhando como babysitter¹⁴, você consegue ter uma vida digna.

[...].

Uma casa de uma pessoa rica tem a house keeper¹⁵, que cuida da organização; às vezes tem uma faxineira, que vai uma vez por semana; tem babás diárias, às vezes uma ou duas; tem a pessoa que anda com o teu cachorro; às vezes tem o motorista, e essas pessoas não tão sendo pagas! E é um setor muito grande!

E aí, como é que paga aluguel? Tá virando uma bola de neve. E, em sua maioria, são indocumentados aqui, não podem aplicar para um seguro-desemprego e não têm benefício. Como estão vivendo essas pessoas? E muitos estão avisando para gente que estão sendo ameaçados pelos proprietários dos apartamentos.

Então, você vê esses imigrantes aqui numa situação, agora, totalmente vulnerável. Muitos que trabalham também em salão de cabeleireiro estão sem trabalho.

Na situação pandêmica, essas pressões econômicas se somaram à questão migratória, impossibilitando o acesso dessas pessoas à saúde.

Porque essa população não tem acesso à saúde. Não tem saúde pública aqui. O latino, primeiro que ele não pode deixar de trabalhar. Enquanto podia trabalhar, ele estava trabalhando. Segundo: se ele está com sintomas, vai continuar trabalhando porque não pode parar de trabalhar. Terceiro: ele sabe que, se for para o hospital, ele tem medo de ser deportado. Tem medo dessa questão imigratória e tem medo da conta, que vai chegar para ele.

É algo que a gente tá debatendo aqui. Como é que você controla uma epidemia com toda essa população que não pode se dar ao luxo de ficar em casa? E essa população que, mesmo com sintomas, não pode ficar em casa, que tem medo de ir ao hospital? Sabe o que falavam muito? Os enfermeiros falando e tal... Muitos. Não só imigrantes, mas população de baixa renda em geral. Os enfermeiros contaram que [a pessoa doente] falava no leito da morte, intubada: “quem vai pagar essa conta? Como é que minha família vai fazer [para pagar essa conta]?”. Isso é desumano.

Mesmo na situação de “abertura lenta”, na qual Nova York se encontrava quando fizemos a entrevista, as ansiedades pareciam somente se proliferarem:

Aí, agora, a gente tá vivendo uma nova fase, outras ansiedades, porque a cidade já está abrindo. [...] Agora é medo de tudo, medo de pegar transporte público e de achar que você vai se contaminar a todo momento.

E, agora, é: a gente tem que se reinventar porque tudo está voltando, entre aspas, ao normal, e muita gente sem trabalho. Quem é artista tá sem trabalho. Estão indo para

¹⁴ O termo significa “babá” em inglês.

¹⁵ O termo significa “governanta” em inglês.

o subemprego. Sendo Uber, fazendo babysitting e indo para o subemprego. Você que já tinha conseguido, como imigrante, escalar uma posição, tá vendo regredir. Então, agora, são outras ansiedades que a gente tá vivendo. De ter que estar aberto a conseguir um emprego, seja no que for, às vezes ganhando menos.

Dessa forma, as ansiedades perpassam, inclusive, por essa nova configuração do trabalho encontrada.

É muita coisa que a gente tem que lidar. Até mesmo as babás. Eu também faço babysitting, part time¹⁶. Os pais, agora, estão em casa, trabalhando de casa. Então, já é uma situação mais delicada de você trabalhar com os seus patrões em casa. E, também, das crianças estarem com os pais em casa, que a criança muda completamente. E você trabalhar em restaurante também, que agora você pode sentar do lado de fora do restaurante. Você tá fazendo menos dinheiro porque tem menos clientes, menos mesas. Mas é o que você tem. Então, aqui você vê, também, o imigrante trabalhando mais, ganhando menos e dando graças a Deus que tem trabalho.

Segundo nossa entrevistada, a qual é uma das fundadoras da rede internacional de Mulheres na Resistência no Exterior¹⁷, que mantém contato com mulheres migrantes por todo o mundo, esses mesmos problemas se repetem em outros lugares, demonstrando uma situação de “muita necessidade mesmo que os imigrantes estão passando aí pelo mundo”.

Frente a esse cenário, como produtora cultural, ela diz ter chegado à conclusão de que “não é momento de a gente pensar em ganhos. É momento de dividir, de fortalecer nossa comunidade”. Foi assim que surgiu, em parceria com outras organizações, uma campanha de arrecadação de fundos para projetos sociais no Brasil e de distribuição de mais de 200 cestas básicas entre brasileiros residentes em Nova York.

Mais do que doar o alimento, a gente doava atenção, a gente doava carinho. A pessoa preenche o cadastro, e a gente faz a ligação para cada uma dessas pessoas. Pergunta da situação: “você tá sozinha? Nós estamos com você. Como é que a gente pode te ajudar?”. A pessoa, às vezes, precisa de uma informação com relação ao trabalho, isso e aquilo. E, do tipo, tem uma senhora que entrou em contato. A gente já entregou cesta para ela. Ela [nos disse que] precisava de ajuda para preencher o seguro-desemprego. Graças a Deus já é legalizada aqui. Ela falou que não sabe nem abrir o computador. Tá entendendo? Então, a gente conseguiu uma pessoa para ir na casa dela, que mora perto, para ajudar com isso.

Luciana nos guiou pelos meandros das vivências migrantes em Nova York, mostrando como a pandemia explicitou o vínculo já conhecido entre irregularidade migratória e precarização das condições de trabalho (Anderson, 2010). Nesse contexto, o acesso ao direito à saúde, por exemplo, central para o próprio controle da disseminação do vírus, é ainda mais obstaculizado. Em meio a essa situação de ruína, em que algumas dessas pessoas poderiam se

¹⁶ Tipo de emprego que, em inglês, significa “meio período”.

¹⁷ Para mais informações, é possível acessar o site da rede (<https://www.mulheresdaresistencia.com/>).

ver isoladas, mais uma vez encontramos relato da busca por um fortalecimento dos vínculos com outras pessoas. Novos projetos de comunidade são sugeridos.

“Quando você migra, você muda de personalidade um pouco, você não pode ser você mesmo” – Entrevista com Indira Sthefany Mogollon Mantilla

Advogada de profissão, Indira veio para o Brasil quando seu companheiro, Juan Sebastian, recebeu convite para trabalhar em São Paulo. Ambos são nascidos em Pamplona, na Espanha, e moraram por alguns anos em Bogotá, na Colômbia. Assim como no Brasil, existe na Colômbia um deslocamento interno característico em direção às grandes cidades, onde se concentram as maiores ofertas de trabalho e oportunidades. No território brasileiro, atuou como voluntária em organizações e órgãos de assistência jurídica para outros migrantes, como a Defensoria Pública da União (DPU) e o grupo de extensão universitária Promigra, da Universidade de São Paulo (USP).

Ao chegar, inicialmente teve dificuldades de achar um emprego em sua área de formação. A facilidade que tinha com a língua inglesa lhe possibilitou trabalhar por um tempo como professora de inglês em uma escola da zona sul da capital paulista. Estava lecionando nessa escola quando, em março de 2020, foi decretada a quarentena na cidade de São Paulo. Como muitas outras empresas do setor de serviços, a gestão dispensou parte de sua equipe.

Tudo mudou. Eu estava trabalhando em uma escola de negócios como tradutora, e eles me demitiram pela pandemia. Então fiquei sem emprego, mudei meus planos para o resto do ano, mas também acho que algumas coisas [mudanças] são boas também.

A entrevistada admitiu que as questões que enfrentou na pandemia são distintas da experiência de outros migrantes que, por diversas razões, empreenderam o regresso à Colômbia por meio de voos disponibilizados pelo Governo Federal brasileiro, já que a rota aérea entre os dois países havia sido encerrada por conta da COVID-19. Esses voos eram a única opção de saída do Brasil, sendo as passagens bancadas por quem optava por deixar o país e muito mais caras do que as das viagens rotineiras de conexão entre essas nações. Sem dinheiro para retornar às cidades brasileiras onde residiam ou para comprar os assentos nos voos para a Colômbia, um grupo de pessoas acampou por semanas nas salas de embarque do Aeroporto Internacional de Guarulhos, esperando uma resolução para a questão.

Todos chegaram aqui [no aeroporto] porque o Governo anunciou uns voos humanitários. Quando você vê voo humanitário, você acha que é uma coisa de graça, que eles vão ajudar você e que eles são muito bons. Então, eles chegaram aqui no aeroporto só para receber a notícia de que não eram voos humanitários. O único humanitário é que o Governo tinha solicitado ou tramitado os permissos [permissões] para que o voo pudesse sair do Brasil e chegar na Colômbia. É o único que eles fizeram. Mas o voo tinha que ser pago pelas pessoas e, na verdade, era um voo muito mais caro do que normalmente é um voo comercial. Então, eles chegaram lá e não tinha nem dinheiro, nem voo, nenhum jeito de voltar para a Colômbia, e eles ficaram lá muito tempo, muitos meses. Até que, esta semana [outubro de 2020], eles puderam ir embora para Colômbia, muitos deles porque receberam ajuda. A gente fez uma vaquinha, muitos deles foram, muitos deles retornaram para suas cidades aqui no Brasil.

Indira exemplificou, também, a tensão vivenciada pelas pessoas que não são amparadas pelas instituições por morarem em cidades brasileiras onde não existem consulados colombianos para tramitar o passaporte. A entrevistada destacou o tamanho continental do país, o qual é um desafio a mais para muitos migrantes nessa situação.

Ontem uma pessoa me escreveu que tinha um colombiano que nem tem passaporte... Ele mora em Minas Gerais. Então, ele precisa vir para tirar o seu passaporte, mas o Consulado não responde os seus e-mails, suas chamadas. Então, é muito difícil porque quase tudo está aqui em São Paulo. Tem outros dois consulados, um em Rio e outro em Manaus. Mas... Brasil é muito grande, Porto Seguro fica no outro lado do país...

Junto com outros juristas e advogados colombianos, Indira montou um grupo de pesquisadores que investiga os desdobramentos da situação de pós-conflito na Colômbia, dados os acordos de paz firmados entre o Governo e membros das Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia (FARC) em março de 2016. Foi esse grupo, aliado a outras organizações da sociedade civil, que levantou verba em um financiamento *on-line* para custear algumas passagens de traslado humanitário. Apesar de ter sido formada uma grande rede de apoio, nossa entrevistada destacou seu namorado como o principal suporte que teve aqui no Brasil.

Ainda que a pandemia tenha trazido um toque de incerteza para sua vida, foi a partir dessa situação que ela conseguiu a reinserção profissional na sua área de formação. Atualmente, em outubro de 2020 trabalha em regime de *home office* no setor jurídico de uma empresa de consultoria para hotéis e comentou na entrevista que, se existe algo de positivo a falar sobre esse período, é sobre essa sua mudança de trabalho.

Eu sei que é uma situação terrível, mas, para mim, me trouxe uma oportunidade para trabalhar como advogada, que só aconteceu pela questão da pandemia. Mas eu sei que é difícil para outras pessoas. Mas, para mim, pessoalmente, não está sendo tão difícil, na verdade. O mais difícil foi quando eu fui demitida, que eu falei: “nossa, não vou [arrumar] outro emprego nunca”. Porque eu sou imigrante, porque estamos numa pandemia, eu achei que nunca nenhuma coisa boa poderia acontecer.

Ela salienta saber que sua situação é distinta da de outros migrantes que chegam à cidade de São Paulo sem apoio, mas considera parecidas as dificuldades que enfrentam – ainda que sejam diferentes – e destaca que é necessário estarmos abertos às novas histórias que, às vezes, se calam quando as pessoas acreditam que “existem pessoas com experiências mais complicadas que a sua”. Indira se mostrou crítica também com o lugar-comum que homogeneiza a migração dentro da chave do sofrimento e das vulnerabilidades, apagando as escolhas pessoais e as diferenças entre os processos migratórios.

Porque às vezes é como: “Não, por favor, fala da sua triste experiência”. Porque eu sei que isso acontece muito. Eu sei, conheço muitas pessoas, trabalhei com muitas pessoas que têm uma experiência bem difícil de migração, mas a migração é diversa.

O relato de Indira sobre os “voos humanitários” revela como as migrações nas situações pandêmicas podem ser vistas a partir das imobilidades (Salazar; Smart, 2011). Além disso, da experiência de recolocação profissional, nossa entrevistada relembrou a importância de considerarmos elementos como classe, raça e gênero para observarmos os impactos de eventos como a pandemia nas migrações.

Fechamento

Em sua essência, a construção histórica do campo museológico remete a dinâmicas coloniais, mas os museus, na atualidade, têm se dedicado a superar essas limitações. Para isso, é necessário, contudo, que o público, as pessoas e as organizações atuantes na sociedade sejam integrados aos processos de formação dos acervos e de elaboração dos programas museológicos juntamente com as equipes das instituições. No caso do Museu da Imigração, desde a sua fundação, a participação de diferentes grupos sociais foi uma premissa buscada em todos os seus programas museológicos e nas suas pesquisas, independentemente do objeto de análise.

Como um aprofundamento dessa abordagem, tratar o cenário pandêmico como desconhecido foi um modo de buscar não colonizar os conhecimentos disponíveis na sociedade sobre as migrações. Consequentemente, era importante também acionar e fazer circular o saber especializado sobre as mobilidades humanas, contando com as colaborações de pesquisadoras e pesquisadores, ainda bastante tateantes por conta de um cenário que se abria para todas e todos com ineditismo. As entrevistas realizadas na série “Mobilidade Humana e Coronavírus” somaram-se a essa produção de conhecimento, captando e compartilhando formas de elaborar o contexto pandêmico a partir de experiências migratórias,

ou seja, de experiências de pessoas que vivem na prática os impactos mais diretos do fechamento de fronteiras e das imobilidades (em seu sentido mais amplo) que caracterizam o momento atual.

O Museu da Imigração busca ser, portanto, não um espaço de encerramento de debates ainda em andamento, mas sim um lugar em que exista possibilidade de diálogo, de modo que diferentes vozes possam se fazer presentes. Ao construir o conhecimento de maneira horizontalizada, colocamo-nos à disposição da sociedade em geral e dos migrantes em particular para sermos um espaço de acolhida e uma plataforma de discussão de temas que são caros à agenda pública e social. Dessa forma, fazemos as pontes tão necessárias em um mundo de fronteiras fechadas e polarizadas, além de atuarmos na sempre necessária tarefa de escutar, mediar, registrar, contextualizar e problematizar.

Bibliografia

- ALMEIDA, Alessandra (2020), “Museu da Imigração”, In: Em contato: comunidades, cultura e engajamento. Museu da Imigração e Horniman Museum & Gardens, pp. 61-69 [Consult. 17-05-2021]. Disponível em <http://www.museudaimigracao.org.br/uploads/portal/avulso/arquivos/em-contato-pt-final-rev3-compressed-compressed-06-03-2020-13-25.pdf>
- ANDERSON, B. (2010), “Migration, immigration controls and the fashioning of precarious workers”. *Work, Employment and Society*, v. 24, n. 2, pp. 300-317 [Consult. 17-05-2021]. Disponível em <https://doi.org/10.1177/0950017010362141>
- ASSIS, G. D. O. (2007), “Mulheres migrantes no passado e no presente: gênero, redes sociais e migração internacional”. *Revista Estudos Feministas*, v. 15, n. 3, pp. 745-772 [Consult. 17-05-2021]. Disponível em <https://www.scielo.br/pdf/ref/v15n3/a15v15n3.pdf>
- ATHIAS, Renato & LIMA FILHO (2016), Manuel F. “Dos museus etnográficos às etnografias dos museus: o lugar da antropologia na contemporaneidade” in C. Rial, E. Schwade (Orgs.). *Diálogos antropológicos contemporâneos*. Rio de Janeiro, ABA, pp. 71-83.
- BRULON SOARES, Bruno (2018), “Pesquisa em museus e pesquisa em museologia: desafios do presente” in M. B. Magaldi, C. C. Britto (Orgs.). *Museu & Museologia: desafios de um campo interdisciplinar*. Brasília, FCI-UnB, pp. 19-36.
- BRULON SOARES, Bruno (2020), “Descolonizando a museologia: a experiência museal recontada no tempo das comunidades”, in B. Brulon Soares (Ed.), *Descolonizando a museologia: Museus, ação comunitária e descolonização*. 1. ed. Rio de Janeiro, ICOFOM, pp. 09-28.
- CLIFFORD, J. (2016), “Museus como zonas de contato”. Tad. SOUZA, A. B. de; PRATES, V. *Periódico Permanente*, v. 4, n. 6, pp. 1-37 [Consult. 17-05-2021]. Disponível em <http://www.forumpermanente.org/revista/numero-6-1/conteudo/museus-como-zonas-de-contato-j-clifford>
- CURY, M. X. (2016), “Relações (possíveis) museus e indígenas – em discussão uma circunstância museal” in M. F. Filho, R. Abreu, R. Athias (Orgs.), *Museus e atores sociais: perspectivas antropológicas*. Recife, Editora UFPE, pp. 149-170.

- FELDMAN-BIANCO, Bela. (2015). Apresentação: deslocamentos, desigualdades e violência do estado. *Ciência e Cultura*, 67(2), 20-24 [Consult. 15-07-2021]. Disponível em <https://dx.doi.org/10.21800/2317-66602015000200009>
- FELDMAN-BIANCO, Bela. (2016), “Memórias de luta: brasileiros no exterior (1993-2010)”. *REMHU - Rev. Interdiscip. Mobil. Hum.* Brasília, v. 24, n. 48, pp. 45-61.
- FREITAS, Patrícia Tavares de (2010), “Imigração e trabalho: determinantes históricas da formação de um circuito de subcontratação de imigrantes bolivianos para o trabalho em oficinas de costura na cidade de São Paulo”. *XVII Encontro Nacional de Estudos Populacionais*, ABEP, Caxambú – MG.
- FREITAS, Patrícia Tavares de (2013), “Bolivianos(as) por entre oficinas de costura na cidade de São Paulo: novos aspectos da dinâmica migratória no século 21” in R. Baeninger (Org.). *Migração internacional*. Campinas, Unicamp.
- GLICK SCHILLER, Nina; BASCH, Linda; SZANTON, Cristina. (1992), “Transnationalism: a new analytical framework for understanding migration” in N. Glick Schiller, L. Basch, C. Szanton, (Coords.). *Towards a Transnational Perspective on Migration: Race, Class, Ethnicity and Nationalism Reconsidered*. Annals of the New York Academy of Sciences (645), pp. 25–52.
- GONÇALVES, José Reginaldo Santos (2007), *Antropologia dos objetos: coleções, museus e patrimônios*. Rio de Janeiro, IPHAN, 2007.
- GUBER, R. (2004), *El salvaje metropolitano: reconstrucción del conocimiento social en el trabajo de campo*. Buenos Aires, Paidós.
- GUIZARDI, Menara; LÓPEZ, Eleonora; NAZAL, Esteban; VALDEBENITO, Felipe (2017), “FRONTERAS, GÉNERO Y PATRIARCADO. DISCUSIONES TEÓRICAS PARA REPLANTEAR EL TRANSNACIONALISMO MIGRANTE”. *Límite. Revista Interdisciplinaria de Filosofía y Psicología*, 12(38), 22-38 [Consult. 17-05-2021]. Disponível em <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=83651038003>
- ICOM BRASIL (2020), *Dados para navegar em meio às incertezas: resultados da pesquisa com profissionais e públicos de museus*. Realização, Icom Brasil [Consult 23-06-2021]. Disponível em: http://www.icom.org.br/wp-content/uploads/2020/11/20201120_Tomara_ICOM_SumarioExecutivo_FINAL.pdf
- LIMA FILHO, Manuel F.; ABREU, Regina; ATHIAS, Renato (2016), “Os Antropólogos e os museus: uma agenda para o século XXI” in M. F. Filho, R. Abreu, R. Athias (Orgs.), *Museus e atores sociais: perspectivas antropológicas*. Recife, Editora UFPE, pp. 7-10.
- MARTINS, Mariana Esteves (2016), “Museu da Imigração como espaço de representação e prática de direitos”, *Revista eletrônica Ventilando acervos*, v. 4, pp. 83-91 [23-06-2021]. Disponível em <https://ventilandoacervos.museus.gov.br/wp-content/uploads/2016/12/04Artigo4.pdf>
- MARTINS, Mariana E. (2020), “Engajamento de comunidades no Museu da Imigração” in *Em contato: comunidades, cultura e engajamento*. Museu da Imigração e Horniman Museum & Gardens, pp. 61 - 69 [Consult. 17-05-2021]. Disponível em <http://www.museudaimigracao.org.br/uploads/portal/avulso/arquivos/em-contato-pt-final-rev3-compressed-compressed-06-03-2020-13-25.pdf>
- MEZZADRA, Sandro (2015), “Multiplicação das fronteiras e das práticas de mobilidade”. *REMHU: Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana*, v. 23, n. 44, pp. 11-30, v. 23, n. 44, pp. 11-30 [Consult. 17-05-2021]. Disponível em <https://doi.org/10.1590/1980-85852503880004402>

- MILLER, S. M. (1960), “Comparative Social Mobility”. *Current Sociology*, 9(1), 1-61 [Consult. 17-05-2021]. Disponível em <https://doi.org/10.1177/001139216000900101>
- MOTTA, A. (2019), “Direitos culturais e ações museais in R. S. Gonçalves, S. P. Vassallo (Orgs.). *A antropologia na esfera pública: patrimônios culturais e museus*. Goiânia, Editora Imprensa Universitária, pp. 268-261.
- MUSEU DA IMIGRAÇÃO DO ESTADO DE SÃO PAULO (2018), *Política de acervo do museu da imigração*. [Consult. 17-05-2021]. Disponível em http://museudaimigracao.org.br/uploads/portal/acervo_e_pesquisa/documentos_de_gestao/2018-politica-acervo-mi-final-08-02-2020-16-09.pdf
- RUSSI, Adriana; ABREU, Regina (2019), “Museologia colaborativa”: diferentes processos nas relações entre antropólogos, coleções etnográficas e povos indígenas. *Horizontes Antropológicos*, v. 25, n. 53, pp. 17-46 [Consult. 17-05-2021]. Disponível em <http://dx.doi.org/10.1590/s0104-71832019000100002>
- SALAZAR, Noel B. & SMART, Alan (2011), “Anthropological Takes on (Im)Mobility”, *Identities*, 18:6, i-ix [Consult. 17-05-2021]. Disponível em <https://doi.org/10.1080/1070289X.2012.683674>
- SASSEN, Saskia (1998), *As cidades na Economia Mundial*. São Paulo, Studio Nobel.
- SILVA, Sidney Antonio da. (2006), Bolivianos em São Paulo: entre o sonho e a realidade. *Estudos Avançados*, v. 20, n. 57, pp. 157-170 [Consult. 17-05-2021]. Disponível em <https://doi.org/10.1590/S0103-40142006000200012>
- SCHWARCZ, Lilia Moritz (2015), *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil, 1870-1930*. 13. Reimpr. São Paulo, Companhia das Letras.
- WALDMAN, Tatiana Chang. (2018), “Novos Migrantes na Antiga Hospedaria do Brás” in R. Baeninger *et al.* (Orgs.). *Migrações Sul-Sul*. Campinas, Núcleo de Estudos de População “Elza Berquó”, pp. 784-789.

Abstract

In this essay, we shed light on the processes of participation and listening in museological praxis in a pandemic context, based on a report of the Immigration Museum of São Paulo State's project "Human Mobility and Coronavirus", an initiative that aims to understand the impacts of the pandemic on human mobility. We seek to interpret this experience in view of the literature that has been consolidated in museology and anthropology on the subject of "participation", arguing that the Immigration Museum, since its formation in 1993, had its own ways of promoting the perspective of action with the public. In the second part, partial results of the project, exposing some interviews carried out in 2020. Given the fact that no one can have any guarantees as to how contemporary mobilities would be reconfigured, we listened, both to researchers and to international migrants. In this text, we present part of materials generated from the dialogue with international migrants residing in Brazil and in the world.

Keywords: Participation; museum; pandemic; international migrants.

Resumen

En este ensayo presentamos un debate sobre la participación y la escucha en los museos en el contexto de la pandemia de covid-19, a partir de un informe sobre el proyecto "Movilidad humana y coronavirus" del Museo de la Inmigración del Estado de São Paulo, iniciativa que tiene como objetivo comprender los impactos de la pandemia en la movilidad humana. Relatamos esta experiencia a la luz de la literatura que se ha consolidado en la museología y la antropología sobre el tema de la participación, argumentando que el Museo de la Inmigración, desde su formación en 1993, tuvo sus propias formas de promover este tipo de perspectiva de acción con el público. En la segunda parte, presentamos resultados parciales del proyecto, exponiendo algunas entrevistas realizadas en 2020. Ante el hecho de que nadie puede tener garantías de cómo se reconfigurarán las movilidades en la contemporaneidad, nos abrimos a la escucha, tanto de investigadores e investigadoras, como de migrantes internacionales. En este texto presentamos una parte del material que se generó a partir del diálogo con migrantes internacionales residentes en Brasil y en el mundo.

Palabras clave: Participación; museo; pandemia; migrantes internacionales.
